

ESBOÇO SOBRE TRABALHO POLICIAL E AS CONSEQUÊNCIAS NA SAÚDE MENTAL

POLICY OUTLINE AND THE CONSEQUENCES IN MENTAL HEALTH

ESTRELA, Jakson Ferreira¹
ERIC, Jay das Graças Nunes²

RESUMO

Estando a brutalidade e a atenção com a segurança e argumentos largamente discutidos na atualidade, dada pela reportagem ou artigo científico, o desempenho técnico de policiais militares envolve fator de preocupações e esboço, quer pelos desenvolvimentos que as ações são boas para acender. Dentro do emblema, de agressão e perigo, o atual esboço pretende delinear certo patamar sobre o desempenho do policial militar, que cumpre seu papel em acontecimentos de elevado perigo, tendo como finalidade obter uma investigação do resultado científico com tópico relacionado ao serviço do policial militar, também averiguar e planejar a caso de conhecimentos cuja matéria expõe a função do PM como sujeito de aflição psíquico e consequência na saúde mental do profissional. A iniciar no ano de 2000, o que converge com o aumento da apreensão a importância do contexto sobre violência como assunto de saúde pública. Aborda-se como teoria para esse acontecimento o problema em juntar informações qualitativas na esfera policial, abordadas as situações de hierarquia e regulamentos relacionados à instituição policial.

Palavras-chave: Policial militar; Saúde Mental; Desgosto; Agressão; Morte.

ABSTRACT

Given the brutality and attention to security and arguments widely discussed at present, given the report or scientific article, the technical performance of military police involves a factor of concerns and outlines, and by developments that the actions are good to light. Within the emblem, of aggression and danger, the present draft intends to delineate a certain level on the performance of the military policeman, who fulfills his role in events of high danger, aiming to obtain an investigation of the scientific result with topic related to the service of the military policeman, also to investigate and plan the case of knowledge whose subject exposes the function of the PM as subject of psychic distress and consequence in the mental health of the professional. To be started in the year 2000, this converges with the increased apprehension the importance of the context on violence as a public health issue. As a theory for this event, the problem is to gather qualitative information in the police sphere, to deal with hierarchy situations and regulations related to the police establishment.

Keywords: Military Police, Mental Health, Disgust, Aggression, Death

¹Aluno do Curso de Formação de Praças, Turma A, do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás - CAPM, jazon_su@hotmail.com, Iporá – GO, Maio de 2018.

²Professor orientador: Especialista professor do Programa de Pós-Graduação e Extensão do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás CAPM, jaynaja85@hotmail.com, Iporá – GO, Maio de 2018.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca abordar o tema vitimização dos servidores da segurança pública, amparado numa macro pesquisa, onde foram abordados aspectos mais complexos como condições de trabalho, fatores socioeconômicos, bem como a saúde dos profissionais.

Este estudo não tem a intenção de falar da Polícia Militar no seu modelo como instituição, mas aqueles que, ultrapassam as regras de cada batalhão, saem às ruas com a finalidade central de assegurar a segurança de seus idênticos, mesmo sendo um dos resguardado. Os cidadãos ao estar com a farda, apesar da relevante obrigação de mostrar ser forte e invencível, também são pais de famílias, filhos, mães, esposas etc. Sendo aquele que precisa de ajuda, ele não aguenta diante da situação, também confronta também braveja e também se contraria com o que gera a falta de fé na dignidade humana. Porém, a diferença fundamental entre o agente fardado e o “civil” o cidadão civil tem onde recorrer. Mesmo existindo casos reais de agressividade entre o “civil” e os “militares”, aparenta na imaginação da população de que surgiu qualquer tipo de problema chama a polícia. Mas quando o policial está perante o perigo, se Poe diante de uma impossibilidade, não cabendo a ele gritar socorro. Por que ele é a polícia!

Fica evidenciado o quanto a função do policial militar depende exclusivamente, bem mais do que força ou atitude, mas de condições psicológicas que assegurem o seu bem-estar diante deste trabalho árduo. Fala-se nisto sendo que a pessoa que recorreremos quando em risco nada mais é do que congênere. Ele não e imortal, não ver além, não e super- herói, e igual, está exposto ao sofrimento como qualquer indivíduo.

O que este cidadão faz para que os indivíduos possam ter segurança e assegurar um lugar melhor para seu próximo, poderia ser realizado por qualquer pessoa. Mas sendo únicos trabalhador e capaz de fazer unicamente por ter fé nisso. Pois é sua única força, sendo igual, não e mais forte ou melhor do que o outro, mas coloca em sua mentalidade a capacidade de poder ser para que possa conseguir desempenhar seu trabalho.

O alvo deste trabalho não é denegrir, fazer lamentações ou querer repudiar as atitudes demonstrada policial militar, como diariamente se faz em diálogos informais ou como a imprensa faz, indevidamente, em suas convicções exageradas. O foco desse estudo é buscar alcançar como tais casos se ordenam na vida desta pessoa, procurando dados da maneira que a comunidade acadêmica tem abordado desse assunto.

Os resultados levantados e índices atuais, em relação ao perfil de quem propicia segurança à sociedade conduzirá os estudos. Será objetivo deste ensaio também propor alternativas e apontar a ineficácia dessas ações, visto que o número de vítimas dentro deste grupo vem aumentando a cada nova pesquisa.

2 REVISÃO LITERÁRIA

Segundo ADORNO (2013), a presente abordagem demonstra uma pesquisa contemplando os aspectos legais constitucionais contemporâneos na sociedade. A ideia defendida é que o organograma estrutural das polícias no mundo é retrógrado e não avançou se comparado com as estruturas dos séculos XVIII e XIX. Defende também a ideia que é uma estrutura que não funciona, pois choca-se com os modelos atuais de gestão e conceito de risco.

Essa ideia baseia-se no aprofundamento e amplitude do conceito de segurança, que ultrapassou os limites de uma organização, nesse caso, a polícia. Um modelo citado como exemplo é o aparato francês, destacando, segundo a pesquisa, essa defasagem no aparato policial. É trazida à tona também a discussão sobre a reformulação do conceito segurança, visto sua magnitude e mudança atuais. Essas discussões seguem desde equipamentos e modernização destes, até a crítica ao perfil ideal para o indivíduo que ocupa o cargo de policial. Tais considerações são fundamentais para se pensar em segurança nos dias atuais, pensando “fora da caixa”, visto que a sociedade também se tornou igualmente plural e dinâmica.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (2015) debate que, no Brasil, é corriqueiro falar, em períodos de colapso macroeconômicos, a contenda da nacionalidade permanece diminuído somente separa a vista do Domínio Público de diversos meios é precedências. Embora perante uma tensão política que anda em comparação à capitalização.

A chance inventada a partir-se das Eleições de 2014 assemelharmos-me a terminar e, novamente, pendente da segurança pública decai em recursos que não prosseguem em ajuste de atualização das áreas no Brasil. Portanto, repensar atuações imprescindíveis, entretanto eficazes, necessita de um rumo com valores para alcançar efeito como efeito derradeiro, logo à capitalização e política é o alicerce para aquisições em alguma área de intervenção.

Protegida a da segurança pública. Alguma atuação desmesurada ou mal esquematizada causará danos não somente à coletividade, porém refletirá sensivelmente a respeito de o profissional que age na área. 9. ed. São Paulo: Urbania, 2015a.

O Núcleo em Estudos e Organizações e Pessoas- NEOP (Brasil, 2015) fez um acompanhamento do caráter do conhecedor de segurança pública, no sentido de se fazer uma verificação diagnóstica do cidadão dentro dos membros das carreiras policiais. Os aspectos relacionados e levantados entre junho e julho de 2015 contribuirão para esclarecer a situação atual dos especialistas, no que diz respeito ao efeito externo sobre este e auxiliará na condução da argumentação proposta pelo presente trabalho.

LIMA (2000) afirma que o Brasil é um das nações que as mais altas percentagens de mortes violentas propositadas do mundo, com um número chegar-se em 60 mil vítimas por ano. Esses dados são a imagem mais cruel das inúmeras dificuldades que cercam a segurança pública e a integridade no Brasil. Os PMS brasileiros faz parte dessa natureza, havendo, em 2014, um total de 352 mortes. Tal fenômeno ganha dimensão não obstante seu aspecto numérico, na medida e que se refere à proteção daqueles que devem proteger e, por certo, a convivência com as mortes de colegas repercutem nas suas próprias práticas, imersas em um ambiente de medo e insegurança. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, v. 8, n. 29, p. 365-373, jan/mar 2000.

MINAYO (2007) analisa e compara as vítimas e precipitação abrangida por PMS e policiais civis no Rio de Janeiro, no treinamento de seu emprego, adentra e por fora da atmosfera de afazeres. Será apresentada alguma análise maior que averiguou a compreensão e a direção subjetiva em coletividade dos ímpetos profissionais, custeada pelo Ministério da Justiça. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 11, p. 2767-2779, nov. 2007.

CERQUEIRA (2014) aborda e levanta as causas e as consequências da violência no país, explorando sua origem na década de 80. Leva em conta a progressão das taxas compreendidas nestas três décadas. **Causas e consequências do crime no Brasil**. Rio de Janeiro: BNDES, 2014.

3 METODOLOGIA

Este arrolamento de informações admitirá colocar exposições à importância do cenário geral do exame que contém os policiais militares como sujeitos, bem quanto dos temas prevalentes na obra científica nacional.

O método utilizado versa em revisão bibliográfica, procurando à modernização a importância dos esboços e temáticas frequente a produção científica unificada ao assunto da polícia e da saúde mental do policial militar e sua subjetividade. Primeiramente, as informações serão apresentadas de forma cronológica oposta, para logo ser fonte de uma estimativa a respeito do status atual da análise sobre o emprego do PM.

Para decorrer este arrolamento, foi usada a estrutura de investigação da base de dados BVS-PSI, se encontra na Biblioteca de Referência Eletrônica (Electronic Reference Library – ERL) e acessada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) da USP. Incluso deste alicerce de elementos, constituiu a alternativa por observar somente a produção nacional, localizada nas bases de dados Scielo e Pepsic, para diferenciar a produção nacional tipos cláusulas ficam disponíveis de formato mais aberto à sociedade científica.

Ficou usado o momento absoluto de compreensão das bases, empregando os próprios descritores: polícia, policial, policial e saúde, policial e aflição.

Os elementos ficaram compreendidos bem como resultados como os itens localizados arrolar, de um formato, à temática da angústia psíquica e da subjetividade do PM, apresentando cautela, exclusivo àqueles que usaram bem como metodologia a abordagem qualitativa. Como a finalidade ofereceu classificação é formar um cenário total a deferência das análises que têm guardas como sujeitos, a alternativa pela admissão pareceu viável.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A subsequente tipologia, descrita por Silva (1999), major da PMESP, situa quatro práticas da carreira dos PMS. Esta tipologia ficou ampliada por Violanti (1993), em um esboço sobre os exemplos de estresse nos afazeres policial, sendo mencionada pelo major em seu artigo científico do Curso de aperfeiçoamento de Oficiais. A representação a seguir foi feita da forma encontrado no artigo científico:

- **Estágio de Alarme** – 0 a 5 anos de trabalho. O estágio de alarme ocorre no trabalho policial durante os primeiros cinco anos. Este comportamento pode ser equiparado ao choque da realidade, uma constatação pelo PM

recruta de que o trabalho real de polícia é bem diferente daquele aprendido na escola de formação policial. O estresse deve crescer durante este estágio, à medida que o jovem policial vai sendo exposto ao trabalho da vida real. Primeiro, o policial novato nunca experimentou o trabalho real e está atônito com cenas como cadáveres, tiroteios, acidentes com pessoas sofrendo. O PM percebe as exigências do trabalho real de polícia como um fardo para sua capacidade pessoal de reação.

- **Estágio de Desencanto** – 6 a 13 anos de trabalho. O estágio de desencanto geralmente ocorre durante o sexto ano e continua até o meio da carreira. É uma extensão do choque da realidade experimentado nos primeiros cinco anos. As noções idealistas acalentadas na escola de formação de polícia tornam-se cada vez mais distantes da realidade durante este estágio. É um tempo de amarga decepção para muitos policiais, uma constatação de que as pressões e exigências da organização policial ultrapassam de longe sua capacidade de reagir com êxito. O PM fica desencantado com a falta de apreciação do seu trabalho. Muitos adotam o cinismo como um mecanismo de adaptação. O estresse continua a aumentar durante este estágio, num nível acima em relação ao estágio de alarme. Os policiais têm uma sensação de fracasso pessoal, por se sentirem incapazes de lidar com as exigências do policiamento. O PM se sente ineficaz em relação ao crime, à sua própria carreira e ao bem comum.
- **Estágio de Personalização** – 14 a 20 anos de trabalho. No estágio de personalização o policial começa a colocar uma nova ênfase nas metas pessoais, em detrimento das metas de trabalho. Constata-se que esta espécie de deslocamento de metas é comum depois do meio da carreira. O policial pode não se preocupar com as exigências do policiamento. É possível que, ao se aproximar do meio da carreira, suas ideais sobre o que é importante mudem. O fracasso nas tarefas e ocorrências policiais são menos importantes do que em estágios anteriores. A menor exigência do trabalho e o reduzido medo do fracasso irão contribuir para o decréscimo do estresse.
- **Estágio de Introspecção** – 20 anos ou mais de trabalho. O estágio de introspecção é um tempo de reflexão para os policiais saudosistas que recordam os primeiros anos da carreira como os velhos bons tempos. É uma época em que os PMS estão de algum modo mais seguro nos seus empregos. Parecem preocupar-se menos ainda com as exigências do trabalho e com o fracasso. Neste estágio os policiais acham e sabem que o trabalho ficou fácil. É provavelmente a época menos estressante da carreira policial, que continuará a diminuir durante o estágio de introspecção.

Os estágios descritos acima descrevem uma considerável mudança de postura diante da vida e do trabalho ao longo dos anos na instituição. Se, num primeiro momento, o ponto principal da vida do policial militar passa a ser sua relação com o trabalho e, conseqüentemente, do estresse ocasionado por ele, mais adiante, ele passa a ter outro olhar

para sua vida pessoal, que provavelmente ficou relegada a um segundo plano quando sua relação com o trabalho e com os problemas decorrentes dele eram mais evidentes. Parece que, seja por consequência do amadurecimento ou do apaziguamento das fontes de estresse, o policial militar vai desenvolvendo estratégias, conscientes ou não, para lidar com seu cotidiano atribulado, a ponto de, em certo momento, seu trabalho tornar-se mais ameno, mesmo que as circunstâncias sejam as mesmas.

Segundo Zacharias (1994), no período de 1831 o início da recente Polícia Militar do Estado de São Paulo, na qual se elaborou uma força de retenção e relutância a movimentações populares, chamado “Guarda Municipal definitivo da Região de São Paulo”. Prosseguiu o início com a primeira tropa assistente, que foi extinta em 1866, por conta de dificuldades com obediência e estruturação. Em 1837 chegou o regulamento que organizava a apuração dos concorrentes, que começou a verificarem-se declaração de reputação moral e política, além de aptidão física apropriado com o cargo.

A época de 1930 a 1969 foi a que mais possuir aplicação por parte do governo na organização da Polícia, tempo em que a profissão policial alcançou imenso destaque e o cômputo de admissão de combatentes, por escolha particular, era enorme.

O defensor da Polícia Militar do Estado de São Paulo é o governo, que oferece ao povo não só a responsabilidade com a segurança pública preventiva (que se representa com a Polícia Militar mais do que cada órgão do poder público), do mesmo modo outras atividades de utilidade básica.

As naturezas dos serviços da Polícia Militar formam a corporação em uma organização mediana, entre o poder executivo do governo e as diferentes.

Divisões do povo em geral. O fundador ressalta que, desta posição, surge um embaraçado sintomas de problemas, que pode ser dividido em duas partes: os internos, comparado à estrutura, comando e administração e os ligados a dificuldades de convivência com a sociedade que protege.

Esta situação, de contato direto com a população, às vezes, pode ser vista de forma insatisfatória pelo agente de segurança pública, especialmente aquele que está ligado junto à sociedade em geral: nos ambientes externos, eles estão mais expostos à agressão que é ocasionalmente restritos aos policiais, o que várias vezes, o que pode gerar rotinas de atitudes insatisfatórias, onde o agir de um tem a influência de aumentar ainda mais a agressão do outro. Quem sabe esta seria uma das maiores preocupações da Polícia Militar constantemente, sendo que o retrato da corporação que parece ter sido restituída pelo povo não parece ser a

favor do apoio e flexibilidade dos meios praticados por esses profissionais.

O ataque da sociedade às ações da Polícia parece ser claro desde a sua criação e se mostra ainda mais reforçado quando se observa situações onde a grosseria e o excesso de poder são contundentes na atuação policial. Mesmo sendo um trabalho policial dificultoso e sujeito a reações imprevisíveis, não se pode questionar os acontecimentos vivenciados pela imprensa, tirando, coerentemente, as implicações exageradas e imperfeitas.

Ainda conforme Zacharias (1994), a técnica de escolha para policial do sexo masculino está frequentemente aberta, sendo as vagas disponíveis para o cargo ultrapassa a quantidade de concorrentes que se alistem. Os que começam nas Atividades militares, vários concorrentes não completam o curso de formação optando por outras funções, muitos não se adequa ao militarismo e outros demonstram a inadequação posteriormente, ou são colocados em funções administrativas diversas ou pede exoneração da instituição.

Segundo o criador, esta mudança de admissão e descaso da instituição traz grande dificuldade em questões, como despesa com aparatos e individual, ou pela incerteza do efetivo de militares que se pode contar em serviço. Às complicações referentes à persistência a uma forte pressão psicológica confrontada pelo policial, gerada pela função de elevado risco que o especialista encara.

A questão do mal-estar psicológico ocasionado pelas vivências profissionais do policial militar parece ser clara. Há muito se fala sobre os efeitos da violência na população geral, em como a sensação de insegurança pode provocar reações psicológicas graves. No entanto, quando voltamos este olhar ao profissional que trabalha diretamente com esta temática, foi possível constatar que os estudos tornam-se mais escassos, apesar do significativo aumento de publicações com esta temática a partir de 2000, coincidindo com a chegada ao Brasil de uma importantíssima coleção de obras relacionadas à polícia, intitulada “Polícia e Sociedade”, editada pela EDUSP. Antes disponível apenas em inglês ou francês, trata-se de onze volumes, cada um com uma temática própria, onde são discutidos aspectos técnicos a respeito de questões de segurança pública e seus. Desdobramentos na sociedade como um todo, incluindo aí um volume bastante interessante sobre os aspectos do trabalho do policial militar¹.

Segundo Graeff (2006), os policiais costumam ser invariavelmente descritos na literatura como um grupo bastante arredo ao olhar externo. A desconfiança, ferramenta de trabalho tão útil e necessária para esses profissionais, parece frequentemente extrapolar os ambientes de trabalho e acaba sendo exercitada nas mais diferentes esferas de interação

social. Tal constatação permite que se pense nas dificuldades encontradas por pesquisadores (ou até mesmo de integrantes de seu círculo social) em entrar em contato efetivo com as questões psicológicas conflitivas destes profissionais, o que poderia ser visto como uma das explicações para a escassa produção acadêmica relativa a esta área. A psicologia, no entanto, permite que se reconheça o sofrimento no indivíduo, mesmo se este não fala dele. Não há como negar, portanto, que as condições psíquicas destes profissionais constituem-se como um campo fértil para a produção científica, o que, paradoxalmente, não vem ocorrendo com regularidade.

Ainda refletindo sobre as dificuldades para entrar em contato com o sofrimento psíquico destes profissionais, encontra-se um estudo de Fraga (2005), que versa sobre as representações sociais dos acidentes de trabalho ocorridos na Polícia Militar. Com o sugestivo título “A Polícia Militar Ferida”, a autora refere que o simbolismo do fracasso que permeia um acidente de trabalho entra em choque com a cultura militar instituída para o culto do saudável, do forte e do herói.

Em estudo recente, Minayo e Souza (2005) referem que, comparativamente, a Polícia Militar apresenta taxas de mortalidade por violência 13,34 vezes maiores do que a da população geral. E mesmo quando comparadas às taxas de outros órgãos de segurança pública, como a Guarda Municipal ou a Polícia Civil, ainda assim a possibilidade de morte violenta entre estes profissionais é a mais incisiva. Ainda neste estudo, são encontrados dados que revelam quão angustiantes pode ser a vida daqueles que estão na linha de frente dos confrontos: o número médio de praças com agravos à saúde que exigiram afastamento é mais de 20 vezes o número de oficiais. Mesmo tais *agravos à saúde* não estando relacionados apenas às situações de violência explícita, não deixa de ser emblemático notar que, de fato, os profissionais que se encontram mais próximos à violência e à morte são aqueles que mais adoecem.

Em resumo, a importância da inserção da categoria violência na área da saúde pode ser sintetizada na contribuição de Minayo (2004) quando refere que a violência é, antes de tudo, uma “questão social” com grandes reflexos no campo da saúde por duas razões básicas:

- primeira, pelo impacto que provoca na qualidade de vida; pelas lesões físicas, psíquicas e morais que acarreta e pelas exigências de atenção e cuidados dos serviços médico hospitalares.
- segunda, pela concepção ampliada de saúde, a violência é objeto de inter-setorialidade, na qual o campo médico-social se integra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se ressaltar o cenário das pesquisas nacionais que, sendo de distintas naturezas, aproximar-se a temática da subjetividade e do desgosto psíquico do policial, pôde-se observar o desenvolvimento e a ampla caminhada percorrida pelos pesquisadores do assunto, bem como quão enorme ainda é o caminho no sentido a uma observação mais particular e humano sobre assunto da saúde mental deste lutador.

Talvez possam dizer que o interesse pelos pontos da aflição desses trabalhadores tem a vagar mais desconfianças do que solução, abordadas as complicações de seu desempenho, bem como dos imagináveis problemas que podem ter essas pessoas em se deparar com situações tão burocráticas.

Ações como a aproximação da morte, a brutalidade para com iguais (sendo vítimas ou agressores), as perspectivas colocadas sobre eles e a casual ineficácia perante os acontecimentos que, na maioria dos casos não dependem de seu desempenho, pessoal ou em coletividade, todo esse emblema e sujeito a ser alçado a uma segunda estratégia, de ser desconsiderado em nome das circunstâncias de suas rotinas, podendo impor ao profissional a recusar seu sofrimento pela necessidade de algo mais relevante: a segurança pública.

Debate um amplo campo de estudos, com atuações de observações cada vez mais vista desde os anos 2000 (segundo vários relatos de estudo divulgados), apesar dos atributos causadores do sofrimento relacionados ao desempenho profissional terem estado sempre presentes, parecia ter pouco empenho da sociedade acadêmica em geral. Vale ressaltar a variação própria à função do policial sempre foi à mesma, ainda quando não estavam espontaneamente apreciadas. Parecendo ter uma mudança no observar dos pesquisadores, que atualmente se esforçam mais resultados e número na questão da saúde mental dos profissionais de segurança pública.

Notamos que o PM aborda situação muito delicada, devemos imaginar no jeito que este pensamento vai entrar em conflito não somente com sua produtividade, mas exclusivamente com o seu bem estar psíquico, pois a negativa é um mecanismo de defesa inconsciente, usado somente para resguardar a pessoa de fatos as quais não consegue aguentar. Não tem como ter ferimentos sem que estes possam ser acolhidos e tratados.

A importância que se dá a essas lesões abre a ocasião de exploração de outra maneira de análise, focado em abordar os assuntos pertinentes ao profissional de saúde

mental que acompanham esses PMs. Podemos imaginar, averiguando os conhecedores de peculiaridade e mazela deste povo de maneira mais individual, poderia ter mais verbas buscando uma aproximação verdadeira do profissional da área de segurança pública. Por outro lado, alterando o foco do esboço, coletar a dificuldade encontrada pelos cuidadores desta tarefa, sabendo que se trata de cidadãos com dificuldade ao acesso a psicoterapias e como esses problemas são confrontados e problematizados por eles.

Podemos observar o baixo grau de esboços qualitativos com a importância do assunto como o problema em estudar este assunto com o profissional, parecendo ser forçado pelas ocasiões a negar a aflição proveniente do seu trabalho. Isso mostra outra vez que ao se falar sobre este assunto nós traz mais imprecisões do que soluções, sendo que, ao aproximar-se de tal tema de uma maneira mais incisiva, o pesquisador precisará ter em pensamento, sua obrigação ética em abrigar toda e qualquer agonia que venha de seu pensar, o que estabelece um esforço de preparação e cálculo muito escrupuloso.

É sucinto que a figura do PM, às vezes analisou com senso natural preconceituoso e estereotipado, o empenho das instituições neste caminho é fundamental. O policial, e visto hoje de uma maneira diferenciada, desvinculado de suas distinções de pessoa e cidadão, precisando ser analisado em suas características, sendo que a sua função é primordial para uma sociedade mais tranquila em todos os sentidos, isto é um fato que não se pode negar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, S.; MINAYO, M. C. S. Risco e (in)segurança policial. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18(3), 2013.

SILVA, H. A. *Proposta de implantação de um sistema operacional de policiamento comunitário em Cia PM através da Rosa dos Ventos*. Monografia. **Centro de Aperfeiçoamento de Estudos Superiores**. São Paulo, PMESP, 1999.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. 9. ed. São Paulo: Urbania, 2015a.

LIMA, R. S.; SINHORETTO, J.; PIETROCOLLA, L. G. "Também morre quem atira": risco de uma pessoa que possui arma de fogo ser vítima fatal de um roubo. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, v. 8, n. 29, p. 365-373, jan/mar 2000.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R.; CONSTANTINO, P. Riscos percebidos e vitimização de policiais civis e militares na (in)segurança pública. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 11, p. 2767-2779, nov. 2007.

CERQUEIRA, D. **Causas e consequências do crime no Brasil**. Rio de Janeiro: BNDES, 2014.

VIOLANTI, J. M. **Padrões de estresse no trabalho policial**. In: *Revista Policial do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1993.

ZACHARIAS, J. J. M. ***Tipos psicológicos junquianos e escolar profissional: uma investigação com policiais militares da cidade de São Paulo***. São Paulo, 1994, 263p.
Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

GRAEFF, B. P. ***O policial militar em tempos de mudança: ethos, conflitos e solidariedades na Polícia Militar do Estado de São Paulo***. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Brasília, Brasília. 2006.

FRAGA, C. K. ***A Polícia Militar ferida: da violência visível à invisibilidade da violência nos acidentes em serviço***. Tese de doutorado. Faculdade de Serviço social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2005.

FRAGA, C. K. **Peculiaridades do trabalho do policial militar.** *Revista Virtual Textos & Contextos*. V. 5, n. 2, 2006.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. Policial, risco como profissão: morbimortalidade vinculada ao trabalho. ***Ciência e Saúde Coletiva***, v. 10, n. 4. Rio de Janeiro, 2005.

MINAYO, M. C. S. A difícil e lenta entrada da violência na agenda do setor saúde. ***Cadernos de Saúde Pública***, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, Jun 2004.

MINAYO, M. C. S. ***Violência e saúde***. In: SPÍNOLA, A. W. P. et al. (Coords.). ***Pesquisa Social em Saúde***. São Paulo: Cortez, 1992.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. (Orgs.). ***Missão investigar: entre o ideal e a realidade de ser policial***. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.